



A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA COMO LITERATURA ENGAJADA EM O GRITO DA GAIVOTA, DE EMMANUELLE LABORIT

Antônio Wagner Veloso Rocha¹

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Bárbara Mont'alvão²

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

RESUMO

O presente artigo, tendo como objeto de análise literária a obra autobiográfica *O grito da gaivota* (*Le cris de la mouette*) de Emmanuelle Laborit - escritora surda de origem francesa -, propõe compreender a manifestação da identidade e da experiência da pessoa surda, considerando-se o seu lugar no mundo e o seu convívio contínuo com um universo de silêncio, bem como com outras formas de comunicabilidade. Com isso, evidenciará o engajamento social apresentado pela autora a partir do texto literário, uma vez que a sua obra proporciona a inclusão do sujeito no processo de leitura. Para tanto, a metodologia de pesquisa será realizada com base em estudos críticos que favorecem as devidas condições teóricas para o desenvolvimento das abordagens e alcance dos resultados que correspondem ao entendimento que a literatura, além de proporcionar o contato com a dimensão estética da linguagem escrita, também provoca reflexões e fornece ao leitor uma significativa contribuição à formação da sua consciência crítica ao tratar dos problemas referentes à sociedade e à própria situação do homem no mundo. A composição do *corpus* desta pesquisa dá-se a partir de uma abordagem bibliográfica de cunho teórico-analítico, fundamentada em um levantamento sistemático das obras trabalhadas, tendo *O grito da gaivota* como fonte primária de investigação e as fontes secundárias de autoria de estudiosos sobre literatura surda, escrita autobiográfica e engajamento literário.

Palavras-chave: Autobiografia. Literatura engajada. Identidade surda. Emmanuelle Laborit.

ABSTRACT

This article, using as its object of literary analysis the autobiographical work *The Cry of the Seagull* (*Le cris de la mouette*) by Emmanuelle Laborit – a deaf writer of French origin – aims to understand the manifestation of the identity and experience of deaf people, considering their place in the world

¹ Membro do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde atua como professor permanente do Programa de Mestrado em Letras/Estudos Literários e professor do Mestrado Profissional em Filosofia. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio) e doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: antoniowagner@terra.com.br

² Professora da Educação Básica na rede estadual de ensino de Minas Gerais (SEE/MG). Graduada em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Possui especialização em Língua Inglesa e Linguística Aplicada ao Ensino do Português, ambas concluídas na mesma instituição. Atualmente, cursa a graduação em Letras Libras pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). E-mail: barbara.oliveira@educacao.mg.gov.br



and their continuous coexistence with a universe of silence, as well as with other forms of communicability. In doing so, it will highlight the social engagement presented by the author through the literary text, since her work provides for the inclusion of the subject in the reading process. To this end, the research methodology will be based on critical studies that favor the necessary theoretical conditions for the development of approaches and the achievement of results that correspond to the understanding that literature, in addition to providing contact with the aesthetic dimension of written language, also provokes reflection and provides the reader with a significant contribution to the formation of their critical consciousness when dealing with problems related to society and the very situation of humankind in the world. The corpus of this research is compiled from a theoretical-analytical bibliographical approach, based on a systematic survey of the works studied, using *The Cry of the Seagull* as the primary source of investigation and secondary sources authored by scholars on deaf literature, autobiographical writing, and literary engagement.

Keywords: Autobiography. Engaged literature. Deaf identity. Emmanuelle Laborit.

INTRODUÇÃO

A literatura, assim como as demais áreas do conhecimento, não deve ser observada de forma isolada, visto que por meio da ficção, uma obra é capaz de dar legibilidade ao mundo social. Trata-se de uma forma de expressão que através dos seus aspectos subjetivos e reflexivos é capaz de dar voz a grupos minoritários, muitas vezes silenciados.

Assim, a literatura se apresenta como algo extremamente relevante para a formação da consciência crítica. Escreve-se para ser ouvido, lembrado, justificado. Desta forma, a obra literária torna-se capaz de mostrar que o valor e o significado de um texto dependem do modo como esse exprime determinados diálogos com a realidade, com a vida tal qual ela é, sem adornos, sem máscaras, sem o ocultamento das suas fragilidades. Para tanto, consideremos as seguintes palavras de Alfredo Bosi:

Creio que a certa altura de nossa vida a memória pessoal nos transcende; assim, o que dissermos poderá ter algum significado na esfera da história e da cultura. De resto, só essa esperança nos redime do pecado de falar de nós mesmos, hábito inveterado que tantas vezes cultivamos, e que é, nas palavras de Umberto Eco, a essência mesma do mau gosto (BOSI, 2005, p. 56).

Aquilo que o autor escreve, mesmo tratando-se de si mesmo, pode representar um conjunto de ideologias intrínsecas, já que está inserido em um contexto social que o influencia de múltiplas formas. Ninguém melhor para expressar a sua opinião sobre um problema, um fato da vida, do que a pessoa que o vivenciou. Na obra *O grito da gaivota (Le cris de la mouette)*, Emmanuelle Laborit registra os desafios enfrentados por uma pessoa linguisticamente diferente, inserida em um meio em que poucos conseguem compreendê-la. E isto a partir da sua própria experiência. A autora em questão retrata um sofrimento que não é apenas seu, mas de todo aquele que faz parte de uma comunidade surda inserida em um mundo ouvinte.

Através da sua escrita literária, Laborit coloca em discussão a própria necessidade de defesa dos direitos dos surdos, tornando-se uma referência fundamental para a comunidade surda. Ao ter os primeiros contatos com a Língua Francesa de Sinais (LSF), conforme a própria autora enfatiza, ela se vê diante de um recurso que muito contribuiu para a afirmação da sua identidade e,



consequentemente, da identidade das pessoas não ouvintes. Assim, convém lembrar que “a língua de sinais é o meio que permite aos surdos alcançar sua plena humanidade, transmitindo os tesouros da imaginação e do pensamento que constituem a cultura e a literatura” (SACKS, 2015, p. 97). Laborit, portanto, nos oferece um testemunho de resistência e construção permanente do combate à exclusão social dos surdos.

1 ESCRITA DE SI E ENGAJAMENTO

A obra autobiográfica *O grito da gaivota*, de Emmanuelle Laborit é um dos exemplos, dentre tantos, de que a literatura cumpre o seu papel social, revelando-se como um meio de engajamento, um veículo que dá voz àqueles muitas vezes sistematicamente ignorados no âmbito da estrutura da sociedade.

O meu francês é um pouco liceal, como uma língua estrangeira que se aprendeu separada da sua cultura. A linguagem gestual é a minha verdadeira cultura. O francês tem o mérito de descrever objetivamente o que pretendo exprimir. O gesto, esta dança de palavras no espaço, é a minha sensibilidade, a minha poesia, o meu eu íntimo, o meu verdadeiro estilo. Ambos em conjunto permitiram-me escrever este relato da minha jovem existência em algumas páginas; de ontem, quando me encontrava ainda atrás daquele muro de concreto transparente, até hoje, após ter ultrapassado esse muro. Um livro é um importante testemunho. Um livro vai a todo o lado, passa de mão em mão, de espírito em espírito, deixando ali a sua marca. Um livro é um meio de comunicação raramente proporcionado aos surdos (LABORIT, 2000, p. 08).

Para que um grupo linguístico em sua minoria afirme as suas tradições culturais e recupere as suas histórias, é fundamental a cultura do reconhecimento. Somente assim será possível aceitar a literatura de um povo e enfatizar a compreensão da existência das diferenças linguísticas desse povo.

Há poucos livros de biografias de pessoas surdas. Muitas histórias são contadas através da língua de sinais, o que possibilita aos surdos transmitir às suas gerações determinados valores, os feitos dos líderes surdos, as experiências de vida e dificuldades enfrentadas devido às diferenças linguísticas e culturais que possuem. Emmanuelle Laborit, em *O grito da gaivota*, ao comentar as razões pelas quais enfrenta o desafio de escrever o livro, assim se manifesta:

Na França, ou mesmo na Europa, não tenho conhecimento de nenhum livro escrito por um surdo. Alguns me diziam: "Não vais conseguir..." Mas eu queria fazê-lo. De todo o meu coração. Não só para falar comigo mesma, como para falar aos surdos e aos que ouvem. Para dar testemunho da minha breve vida, com a maior honestidade. E, sobretudo fazê-lo na vossa língua materna. A língua dos meus pais. A minha língua de adoção (LABORIT, 2000, p. 147).

Emmanuelle Laborit produziu uma obra literária a partir das suas vivências e do mundo silencioso que sempre lhe acompanhou desde o nascimento, demarcando como a realidade dos surdos é marginalizada socialmente. Assim, pode-se inferir que a obra em questão também corresponde a uma literatura de engajamento. Esta espécie de escrita literária caracteriza-se pela



intervenção do seu autor na vida concreta da sociedade, na sua dimensão política, tomando não somente a si como vítima das violências ocasionadas no processo histórico, mas toda a coletividade.

Instrumento de denúncia das injustiças sociais, a obra engajada expõe o posicionamento do escritor a favor dos excluídos pelas práticas discriminatórias que se encontram no exercício de determinadas formas de poder. Um dos principais teóricos e defensores da literatura engajada é Jean-Paul Sartre, também francês assim como Emmanuelle Laborit. Este filósofo, em sua obra *Que é a literatura?* (*Qu'est ce que la littérature?*) faz a seguinte abordagem sobre a literatura:

...a "verdadeira" e "pura" literatura: uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio; um pensamento que se contesta a si mesmo, uma Razão que é apenas a máscara da loucura, um Eterno que dá a entender que é apenas um momento de História, um momento histórico que, pelos aspectos ocultos que revela remete de súbito ao homem eterno; um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daqueles que ensinam (SARTRE, 2004, p.28).

Sartre forneceu grandes contribuições para a formação do pensamento contemporâneo como filósofo e como escritor, sendo de sua autoria um conjunto extenso de obras teóricas, conceituais e literárias. Um dos principais expoentes do existencialismo, Sartre escreveu o tratado denominado *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica* (*L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique*). Nesse trabalho apresenta os aspectos que compõem a sua teoria existencialista, tendo a liberdade humana como temática essencial. Sobre este aspecto, assim se expressou Benoît Denis:

Para Sartre, a liberdade humana é absoluta e inalienável: por mais fechado que pareça o horizonte e por mais reduzida que seja a margem de manobra do indivíduo, este possui sempre a faculdade de fazer uma escolha livre, de aceitar ou de recusar a situação em que é colocado (DENIS, 2002, p. 268).

Considerando-se o exposto acima, diante de situações adversas cabe ao escritor a escolha de permanecer em uma zona de conforto, permitindo que sejam entendidos como comuns os atos de injustiça, crueldade e indiferença, ou usar as palavras como ferramentas de denúncia e inconformismo, utilizando-se assim do texto literário com o intuito engajar-se nas causas sociais e humanas. Optando pela segunda opção, Laborit encontra na literatura uma outra maneira de se expressar e interagir com o mundo. Vejamos este seu depoimento presente na obra *O grito da gaivota*:

Um dia, quando era pequena, a minha avó materna, que era muito religiosa, contou-me uma história. Adorava que ela me contasse histórias. Naquele dia foi 'a minha' história... E nunca a esquecerei. Disse-me ela: "Sabes, Deus escolheu-te. Quis que fosses surda. Isso quer dizer que espera que transmitas alguma coisa aos outros, às pessoas que ouvem. Se tu ouvisses, se calhar não eras nada. Serias uma menina banal, incapaz de levar alguma coisa aos outros. Mas ele quis que fosses surda, para dares alguma coisa ao mundo (LABORIT, 2000, p. 145).

Com o propósito de afirmar a necessidade de tirar as pessoas surdas da invisibilidade social e mostrar a sua importância como seres humanos dignos de atenção, mesmo que escrevendo a



partir de si mesma, utilizando-se de um exercício autobiográfico e confessional, Laborit acaba por provocar com a sua narrativa uma reflexão de cunho político. De acordo com Sapiro (1999, apud DENIS, 2002, p. 269), através da literatura de engajamento “a política ganha uma importância decisiva”.

A arte literária pode proporcionar o desvendamento dos problemas sociais e políticos, mesmo se expressando por meio da ficção e da linguagem metafórica, diferentemente de outras áreas do conhecimento. No caso específico da obra de Laborit, os fatos narrados são reais. Nas duas situações, o caráter mediador do engajamento está presente. Sobre o engajamento literário, vejamos o que afirma Sartre:

Eu diria que um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação (SARTRE, 2004, p. 62).

Em *O grito da gaivota*, a autora descreve as emoções de uma criança surda, neste caso ela mesma, inserida em um mundo ouvinte: "Dei vários gritos, muitos gritos, autênticos gritos. Não por ter fome ou sede, medo ou dores, mas porque queria começar a ‘falar’, porque queria ouvir a minha voz e os sons não chegavam até mim" (Laborit, 2000, p. 09). Isto nos remete ao que define o filósofo: "um grito de dor é sinal da dor que o provoca" (SARTRE, 2004, p. 11). Através do seu testemunho, da sua escrita autobiográfica, Laborit expressa sobre si mesma, evidentemente, pois, segundo Phillipe Lejeune, a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Para Sartre, a obra literária remete-se à liberdade do leitor. Portanto, ele faz a seguinte afirmação:

Toda crença é livremente consentida, mesmo aquela que deposito na narrativa. (...) Assim, o autor escreve para se dirigir à liberdade dos leitores e a solicita para fazer existir a sua obra, mas não se limita a isso e exige também que eles faz retribuíam essa confiança neles depositada, que reconheçam a liberdade criadora do autor e a solicitem, por sua vez, através de um apelo simétrico e inverso.(...) quanto mais experimentamos a nossa liberdade, mais reconhecemos a do outro; quanto mais ele exige de nós, mais exigimos dele (SARTRE, 2004, p. 42-43).

O acesso à essência do escritor só é possível pelo exame, admiração ou indignação do leitor e, sendo assim, o texto literário cumpre o seu principal papel. O ato de escrever não é apenas uma transmissão de pensamento, mas uma forma de levar o leitor à inquietação diante de um fato, o que pode ser uma provocação para a mudança que ocorre, às vezes, paulatinamente ou de forma radical.

2 TESTEMUNHO LITERÁRIO E CONSCIÊNCIA SOCIAL

A narrativa testemunhal apresentada em *O grito da gaivota* permite-nos perceber que a autora ao expressar as suas memórias, relata fatos que sugerem ao leitor uma mudança de atitude



em relação a um grupo linguisticamente diferente. Ao assumir a identidade surda, o leitor tomará consciência acerca de um mundo outro, ou seja, o mundo do surdo.

Os que ouvem escrevem livros acerca dos surdos. Jean Grémion, professor de filosofia, homem de teatro e jornalista, estudou durante vários anos o mundo dos surdos para escrever uma obra notável, *O planeta dos surdos*, onde diz precisamente: "Os que ouvem têm tudo a aprender com aqueles que falam com o corpo. A riqueza da sua língua gestual é um dos tesouros da humanidade (LABORIT, 2000, p. 147).

No meio social há diferentes grupos de pessoas, com variadas perspectivas de vida, cada qual busca adequar-se aos moldes sociais com o intuito de ser aceito, amado e respeitado. Factualmente esse ambiente está marcado por muito preconceito para com os grupos menos favorecidos e excluídos no qual Laborit pretende destacar os surdos. Observemos o seguinte fragmento:

Forjei uma identidade, uma reflexão, a toda a pressa. Talvez para preencher o tempo perdido. Aos treze anos sentia-me uma adulta... Aos vinte e dois sei que terei ainda uma caminhada a percorrer para que isso aconteça. Preciso dos outros, de intercâmbios. Preciso de uma comunidade. Não poderia viver sem os que ouvem, nem viver sem os surdos. Comunicar é uma paixão, às vezes preciso de respirar longe de um ou de outro mundo. Ficar à parte. Enrolar as asas. Mas não por muito tempo (LABORIT, 2000, p. 146).

Ao se dedicar aos estudos da socialização de pessoas com deficiência, Sassaki (1997) ressalta que o método de inclusão social é determinado com base na adequação da sociedade para integração dessas pessoas, de modo que possibilite que elas ocupem as suas funções na coletividade, possibilitando oportunidades igualitárias a todos. As pessoas com deficiência enfrentam muitas dificuldades para ser incluídas socialmente. Diante da perceptível diversidade humana é de extrema importância que se busque a melhor forma de conviver com elas, respeitando as particularidades de cada uma, com o propósito de contribuir para que pessoas com deficiência se desenvolvam em todos os aspectos. Sobre este assunto, assim nos esclarece Skliar:

Talvez seja fácil definir e localizar, no tempo e no espaço, um grupo de pessoas; mas quando se trata de refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem – ou podem surgir – processos culturais específicos, é comum a rejeição à ideia da "cultura surda", trazendo como argumento a concepção da cultura universal, a cultura monolítica. Não me parece possível compreender ou aceitar o conceito de cultura surda senão através de uma leitura multicultural, ou seja, a partir de um olhar de cada cultura em sua própria lógica, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções. Nesse contexto, a cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte. Não é seu revés. Não é uma cultura patológica (SKLIAR, 1998, p. 28).

A comunidade surda há muito tempo vem lutando para ter o seu espaço na sociedade. Várias pessoas pertencentes a essa comunidade prestaram relevantes contribuições para a sua valorização, dentre elas, Helen Keller, escritora surda norte-americana, e Laurent Clerc, professor



francês que se tornou conhecido como “o apóstolo surdo da América”. Pessoas que não possuíam deficiência auditiva, mas que se destacaram por seus trabalhos em benefício das causas dos surdos também foram importantes para dar visibilidade à comunidade. Assim, pode-se lembrar de Charles Michel de l’Épée, educador francês que se popularizou como “pai dos surdos”, e Thomas Gallaudet, professor dos Estados Unidos que se dedicou ao ensino dos surdos. Essas pessoas contribuíram grandemente para que a comunidade se desenvolvesse e tivesse oportunidades igualitárias. Elas lutaram arduamente para que a língua de sinais fosse reconhecida como língua oficial, o que possibilitou o estreitamento da comunicação dos surdos com as pessoas ouvintes.

A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngue e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país (SUTTON-SPENCE, 2006, p. 111).

Para que um grupo linguístico em sua minoria afirme as suas tradições culturais e recupere a sua história, é fundamental a cultura do reconhecimento. Para que se aceite a literatura de um povo, faz-se necessário que se compreenda a existência da diferença linguística desse povo. "Tanto escrevo como falo por gestos. As minhas mãos são bilíngües. Ofereço-vos a minha diferença. O meu coração não está surdo a nada neste mundo duplo. Custa-me muito deixar-vos" (LABORIT, 2000, p. 148).

No livro *Que é a literatura?*, Sartre afirma que:

Escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor. É recorrer à consciência de outrem para se fazer reconhecer como *essencial* à totalidade do ser; é querer viver essa essencialidade por pessoas interpostas; mas como, de outro lado, o mundo real só se revela na ação, como ninguém pode sentir-se nele senão superando-o para transformá-lo (SARTRE, 2004, p. 49).

Assim, o testemunho literário de Emmanuelle Laborit presente em *O grito da gaivota* cumpre o seu papel como literatura de engajamento, uma vez que a exposição de desafios enfrentados por uma pessoa surda provoca no leitor uma reflexão sobre como as pessoas linguisticamente diferentes têm acesso aos seus direitos como cidadãos. A partir de obras literárias como *O grito da gaivota*, observa-se uma mudança no cenário político com a criação de leis que beneficiam esse grupo, que apesar de minoritário, faz parte de uma nação. No Brasil, a Lei 10.436 criada 24 de abril de 2002 estabelece a seguinte questão:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.



Durante a antiguidade - e por quase toda a Idade Média – pensava-se que os surdos não fossem educáveis, ou que fossem imbecis. Os poucos textos encontrados referem-se prioritariamente a relatos de curas milagrosas ou inexplicáveis (MOORES, 1978, p. 28). No entanto, considerando a literatura como uma forma de expressão de uma cultura, que lança mão da criatividade da língua escrita e de sua capacidade de fazer com que as palavras falem de modo não habitual, vemos no livro *O grito da gaivota* uma arma que tem provocado grandes mudanças na comunidade surda e na maneira como ela é tratada no meio social. Segundo Antonio Candido, "negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade" (1995, p. 49). Daí a necessidade de ressaltar, sempre, o caráter essencial e imprescindível da prática literária na formação dos povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se que as concepções de Laborit alinham-se ao pensamento sartriano no tocante à ideia da necessidade de engajar-se literariamente. Trata-se da conscientização humana quanto ao compromisso da palavra, ao seu dizer autêntico. Isto nos remete ao que menciona Drummond em seu poema intitulado "Procura da poesia" (1997, p.14): "Chega mais perto e contempla as palavras./Cada uma/tem mil faces secretas sob a face neutra/e te pergunta, sem interesse pela /resposta, pobre ou terrível, que lhe deres:/ trouxeste a chave?".

É importante destacar que a existência de publicações ou a visibilidade de uma cultura surda só tornou-se possível no momento em que a Língua de Sinais obteve reconhecimento no âmbito escolar. Pode-se afirmar que a opressão imposta pelo método oral suprimiu por muito tempo a criatividade do surdo, sendo que este encontrou na prática da Libras uma maneira de expressão das suas emoções. "Sou surda, não quer dizer que não ouço, quer dizer que compreendi que sou surda" (LABORIT, 2000, p. 48). Essa afirmação carrega consigo muito mais do que uma tomada e consciência. Ela representa claramente o termo *Deafhood* criado pelo pesquisador inglês Paddy Ladd que corresponde ao reconhecimento dos surdos, ou mais ainda, na ressignificação do *ser surdo*, sendo que tal reconhecimento deverá abranger tanto os surdos quanto os não-surdos.

Em *O grito da gaivota* a autora revela lembranças da sua infância, adolescência e vida adulta, descrevendo as dificuldades que enfrentou no cotidiano pelo fato de ser surda. O título da obra deve-se ao fato de que a autora não conseguia se comunicar por causa da sua surdez. Assim, ela relata que os seus gritos pareciam com a voz e o grasnado dessa ave e, por este motivo, foi chamada de gaivota por seus pais. *O grito da gaivota* representa o grito do silêncio, a fala daquele que está perdido na multidão, um grito de desespero de uma alma que pede socorro para que a sua presença seja percebida. Através da escrita de si, Emmanuelle Laborit provoca indignação e mudança de atitude no tocante ao trato para com a realidade dos surdos, intentando transportá-lo do cenário da opressão e indiferença para o reconhecimento social como pessoa que pertence a um universo linguisticamente diferente.

Por fim, a obra *O grito da gaivota*, de Emmanuelle Laborit, consolida-se como um marco da literatura engajada e autobiográfica, transcendendo o relato pessoal para se tornar um manifesto político em defesa da cultura surda e da Língua de Sinais. Embora este artigo tenha discutido aspectos fundamentais da narrativa da autora, os limites da presente pesquisa residem na impossibilidade de esgotar as nuances da recepção da sua escrita em contextos extralinguísticos variados e nas barreiras inerentes à tradução da experiência sensorial surda para o suporte escrito. Como perspectivas futuras, vislumbra-se a necessidade de estudos comparados entre a literatura



de Laborit e novas produções de autores surdos contemporâneos na era digital, além de uma análise mais profunda sobre como a interseccionalidade entre gênero e deficiência molda suas produções mais recentes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BENOÎT, Denis. O apogeu sartriano. In.: **Literatura e engajamento de Pascal a Sartre**. Editora da Universidade do Sagrado Coração, s/d.

BOSI, Alfredo. **Caminhos do crítico**. Academia Brasileira de Letras, em 10 de maio de 2005. Disponível em < <https://academiadelibras.com/blog/escritores-surdos> > . Acesso em 24/01/2024).

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

LABORIT, Emmanuelle. (2000). **O grito da gaivota**. Trad. Ângela Sarmiento. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 2000.

Lei 10436/2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Congresso Nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso 25 jan. 2024.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOORES, D. **Educating the deaf, psychology, principles and practice**. Boston: Houghton Mifflin Co. 1978.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Trad. Laura Texeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. 3ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SUTTON-SPENCE Rachel. Literatura surda feita por mulheres. In: DALVI, Maria Amélia; DUTRA, Paulo; SAGUEIRO, Wilberth; SILVA, Arlene Batista da. (Orgs) **Literatura e artes, teoria e crítica feitas por mulheres**. Instituto Brasil Multicultural de Educação e Pesquisa/IBRAMEP:Campos dos Goytacazes, 2018.